

## A PRIMAVERA DO ISLÃO

por Mário Soares

Os problemas europeus - e, portanto, portugueses - têm-me absorvido, nas últimas semanas e impedido de seguir, com a devida atenção, as importantes transformações que estão a ocorrer no mundo islâmico, incluindo o Magrebe, tão próximo de nós.

Realmente, há quase três meses que o mundo arabo-muçulmano entrou em ebulição, no bom sentido, tendo começado na Tunísia, donde o ditador Ben Ali e a família teve a prudência de fugir, depois pelo Egipto, cuja revolução popular, na Praça Tahrir, causou duas centenas de mortos e onde o exército resolveu afastar o ditador Mubarak, para o paraíso de Sharm el-Sheikh, com a sua família - mas agora já estão na prisão - e onde a revolução continua a enraizar-se, depois, muito mais grave, na Líbia, onde o ditador Kadafi, continua a resistir, apesar dos bombardeamentos da NATO, que - diga-se - não devia servir para isso, passando pelas continuadas manifestações na Argélia e em Marrocos, na Síria, no Bahrain, na própria Jordânia, o certo é que o contágio democrático tem vindo a manifestar-se de uma forma tão constante, que temos a sensação incontestável que nada ficará como dantes. As ditaduras e os ditadores que se cuidem, bem como as teocracias ainda vigentes...

Na verdade, por todo o vasto universo islâmico, os Povos reclamam liberdade, democracia, respeito pela dignidade das pessoas e pelos Direitos Humanos. Nada disto, quanto a eles, tem a ver com a religião islâmica, visto que por todo o lado vimos, nas televisões, inúmeras manifestações religiosas. Mas também não ouvimos, não o esqueçamos, palavras contra o Ocidente, nem contra os Estados Unidos nem contra a Europa, nem sequer contra Israel, o inimigo de sempre...

Quer isto dizer que os muçulmanos, para além de reclamarem liberdade - como por todo o lado gritam - também são a favor do laicismo, descurando os Estados islâmicos confessionais e querendo separar o fenómeno religioso - que se passa no foro íntimo de cada pessoa - dos Estados e da Política? Não irei tão longe. Mas alguma coisa se passa, nesse sentido, porque o terrorismo da Al Qaeda, que servia para consolidar tantas ditaduras - que tiveram o beneplácito do Ocidente - quase desapareceu dos noticiários. O Presidente Obama teve razão quando, no lúcido discurso do Cairo, por exemplo, apelou ao diálogo com o mundo islâmico e afirmou que não era pela força bruta que se combatia o terrorismo, mas sim pela convicção.

Segundo noticiou o El Pais, de Domingo passado, o antigo primeiro-ministro de Espanha, José Maria Aznar, numa conferência que proferiu na Universidade de Columbia, em Nova Iorque, questionou a intervenção da NATO na Líbia e defendeu ditadores como Kadafi, Mubarak, do Egipto e Ben Ali, da Tunísia. Com o mesmo à vontade com que na Cimeira dos Açores, de má memória, se pôs ao lado de George W. Bush para, com falsos protestos, invadir o Iraque. Quem não tem ideologia e só vê os interesses, os ditadores são bons ou maus, segundo convém...

As revoluções pacíficas que estão a mudar os Estados islâmicos têm semelhanças com as transformações que se deram no mundo comunista, depois do colapso da URSS e da queda da cortina de ferro. Se forem bem sucedidas, como esperamos, constituem um passo fundamental para o progresso das Democracias no Mundo e, nesse sentido, também para a paz e o progresso, num Mundo globalizado e ainda tão inseguro. Oxalá assim seja!

Lisboa, 20 de Abril de 2011